

CULTURA

“Os jornais fizeram a política e as revistas teceram a cultura”

Luís Andrade O coordenador do portal Revistas de Ideias e Cultura anuncia que em 2020 estarão *online* publicações que lançaram o neo-realismo português. E também a deslumbrante *KWY*

Entrevista Luís Miguel Queirós

Depois de ter disponibilizado na Internet os principais periódicos anarquistas, os títulos ligados ao movimento da Renascença Portuguesa ou as revistas que marcaram o primeiro modernismo, e ainda publicações tão decisivas para a cultura portuguesa do século XX como a gigantesca *Seara Nova*, com os seus 1604 números, ou *O Tempo e o Modo*, o portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC), coordenado por Luís Andrade, professor da Universidade Nova, acolherá este ano as revistas fundadoras do neo-realismo, mas também a *Athena* de Fernando Pessoa, a *KWY* de Lourdes Castro e René Bertholo, a *Raiz&Utopia* ou *A Mulher Portuguesa*.

Mas o RIC não é apenas um arquivo digital que nos vai colocando virtualmente nas estantes um extenso conjunto de revistas que constituem privilegiadas janelas para a mutante paisagem cultural do século XX. É também uma gigantesca base de dados, dotada de um avançado sistema de pesquisas cruzadas, o que torna este portal uma dádiva para leitores de todos os tipos, mas também uma poderosa ferramenta ao serviço dos investigadores. No entanto, sublinha Luís Andrade, o RIC “não visa apenas contribuir para os estudos históricos”, mas quer também “reavivar o legado reflexivo, inconformista e cívico da cultura portuguesa contemporânea”. Porque “só a cultura combate a desrazão populista”.

Em poucos anos, o RIC já disponibilizou integralmente na Internet mais de vinte publicações, algumas delas tão centrais para a cultura

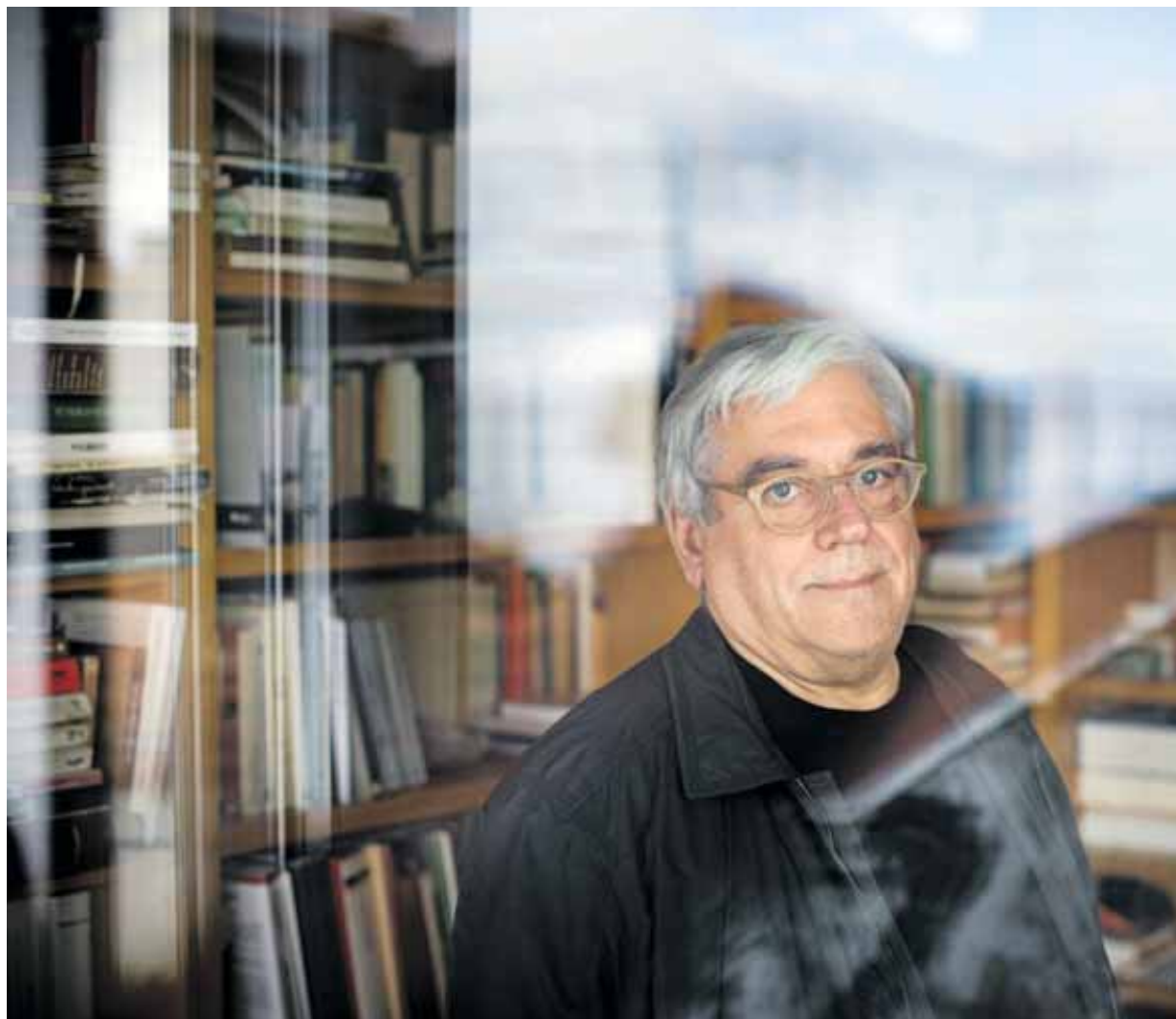
portuguesa do século XX como *A Águia*, *Orpheu*, *Seara Nova* ou *O Tempo e o Modo*. Agora trabalha nas revistas que lançaram o neo-realismo. Como nasceu este projecto?

O portal Revistas de Ideias e Cultura surgiu por iniciativa do Seminário Livre de História das Ideias, que reuniu um conjunto de jovens investigadores que haviam concluído o mestrado em História Cultural e Política, na FCSH. No final do século XX, este grupo inflectiu para a história dos intelectuais, e de seguida, decidiui estudar e publicar electronicamente algumas das principais revistas novecentistas de ideias e cultura, por pressentir os novos horizontes que a era digital iria proporcionar às Humanidades.

Têm optado por ir abordando sucessivos movimentos: o anarquismo, a renascença portuguesa, o primeiro modernismo. Agora é a vez do neo-realismo?

Sim, chegou o momento dos *sites* das revistas neo-realistas, que iremos publicar com o apoio do Museu do Neo-realismo. Em 2020, colocaremos em linha os *Cadernos da Juventude*, a *Sol Nascente*, a *Altitude* e a *Ler*. Os *Cadernos da Juventude* foram apreendidos na tipografia, pelo que só se conhecia um exemplar. Encontrámos um outro, justamente aquele que o censor leu, anotou e riscou, e será esse o reproduzido.

Como o universo das revistas culturais do século XX é muito extenso, o método que temos vindo a seguir consiste na sua segmentação por movimentos programáticos. Publicámos quatro *sites* com as principais revistas anarquistas – *Germinal*, *Sementeira*, o *Suplemento d’A Batalha* e *Renovação* –, outros quatro com títulos associados à renascença portuguesa (a *Nova*



“**O encanto das revistas, ao associar imagem e texto, artigo e cartoon, pensamento, sensibilidade e actualidade, mantém-se inteiramente vivo**

Silva, *A Águia*, *A Vida Portuguesa e Princípio*), e cinco com revistas do primeiro modernismo: *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Contemporânea*, *Exílio* e *Centauro*. A estas juntar-se-á em breve a *Athena*, que Fernando Pessoa dirigiu com Ruy Vaz. E temos ainda *sites* dedicados a revistas que definem, por si só, uma orientação programática, como a *Atlântida*, a *Seara Nova* ou *O Tempo e o Modo*. **A proeminência das revistas enquanto montra privilegiada dos movimentos e tendências culturais parece ter-se esbatido um pouco nas últimas décadas. Os jornais disputam hoje mais vivamente esse território?**

O espaço mediático tem sofrido mutações profundas, primeiro com as televisões e rádios privadas e depois com a Web. O PÚBLICO, que é contemporâneo destas mudanças, foi sempre um

jornal-revista, aliás, pela mão de Vicente Jorge Silva, que se deu a conhecer com uma revista-jornal, *O Comércio do Funchal*, e que já tinha somado uma revista a um jornal, no *Expresso*. Basta observar as capas de algumas das edições mais recentes do PÚBLICO, que são mesmo capas, e não primeiras páginas com chamadas para o interior. O encanto das revistas, ao associar imagem e texto, artigo e *cartoon*, pensamento, sensibilidade e actualidade, mantém-se inteiramente vivo, independentemente do suporte que o serve.

Também se assiste à proliferação de revistas que associam um grafismo inovador a uma componente informativa forte, aproximando-se do território dos jornais.

A grande diferença entre os



Leia a entrevista na íntegra em www.publico.pt



NUNO FERREIRA SANTOS

permanentes com a Fundação Mário Soares, no âmbito informático, e com a Biblioteca Nacional, no plano bibliográfico, documental e logístico, têm-se mostrado decisivas. Após ter construído o modelo, a equipa que coordena funciona como um núcleo editorial. Felizmente, temos tido a capacidade de atrair investigadores, que se dispõem a estudar, sob a nossa supervisão, as revistas dos *sites* que publicamos.

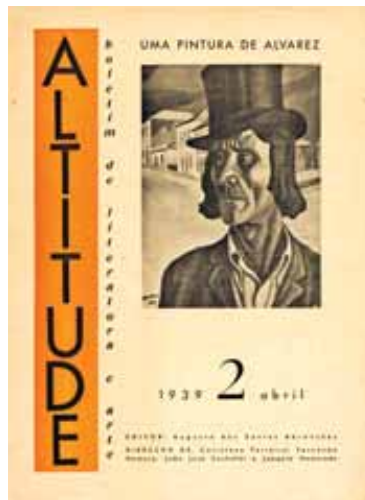
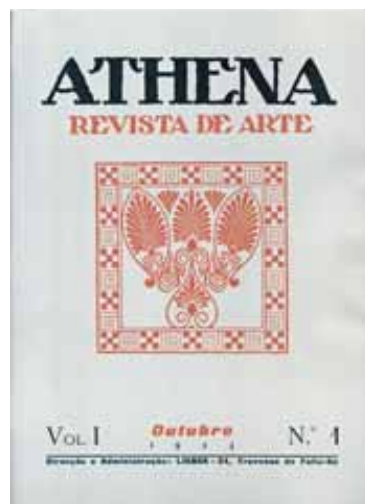
Uma dimensão importante deste projecto é a extensa documentação adicional que tem sido reunida sobre cada revista: estudos académicos, correspondência entre fundadores, materiais que não foram publicados... É ao mesmo tempo um trabalho de arquivismo e de investigação?

Todo o trabalho que realizamos é de investigação. Pode parecer a simples reprodução de fontes, mas isso é um engano. A escolha dos títulos, a sua disposição por segmentos programáticos, o registo analítico do teor de todas as peças contidas em cada uma das revistas, sejam elas textuais ou gráficas, implica um trabalho de leitura e de pesquisa muito exigente. Temos a responsabilidade de fazer o mapeamento da cultura recente com o rigor necessário à sua consulta fidedigna.

Por outro lado, é necessário pensar que os meios digitais não se destinam a replicar na Web os formatos dos impressos tradicionais. Seria uma perspectiva muito pobre, embora corrente. Quem consulta o portal, pode aceder a uma revista como se do seu fac-símile se tratasse, mas pode consultá-la igualmente a partir de oito índices, em pesquisa simples ou avançada, e tem disponíveis documentos e testemunhos, muitas vezes inéditos.

Pode adiantar outras publicações em que estejam já a trabalhar?

Além das quatro revistas do movimento neo-realista que já indiquei, bem como da *Athena*, iremos publicar este ano três outros títulos relevantes. Um deles é a artesanal *KWY*, gesto colectivo de artistas plásticos



Athena, que Fernando Pessoa dirigiu com Ruy Vaz. A artesanal KWY e a Altitude vão estar disponíveis já em 2020

exilados em Paris, impressa em grande parte em serigrafia, que anunciou o espírito e o grafismo libertários dos anos 60, em colaboração com a Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva. Seguir-se-á a *Raiz&Utopia*, que marcou a passagem das temáticas dos finais da década de 70 para os anos 80, de fundo menos ideológico e com novas causas, incluindo as ecológicas e da sustentabilidade, e cuja publicação coincidirá com as celebrações do 75.º aniversário do Centro Nacional de Cultura, seu proprietário. No domínio dos estudos sobre o feminismo, acrescentaremos à *Sociedade Futura*, já disponível, *A Mulher Portuguesa* que Zília Osório de Castro e as investigadoras da revista *Faces de Eva* estão a aprontar. Títulos que mostram bem que o RIC não visa apenas contribuir para os estudos históricos, mas quer também reavivar o legado reflexivo, inconformista e cívico da cultura portuguesa contemporânea. Só a cultura combate a desrazão populista.

Uma das últimas revistas que colocaram online foi A Construção Moderna, a grande revista de arquitectura portuguesa do início do século XX, o que sugere o desejo de não se circunscreverem às revistas mais marcadamente literárias ou políticas. Amanhã poderemos ter revistas de cinema, música popular, mecânica, decoração?

A nossa historiografia cultural confinou-se durante muitas décadas aos movimentos literários, com algumas incursões no domínio das ideias políticas e das artes. A abordagem que perfilhamos é bem mais ampla e abarca todos as revistas que tenham contribuído substancialmente para trazer novas representações do mundo e da vida à realidade nacional. *A Construção Moderna* é um excelente exemplo, pois repensou o espaço urbano, as tipologias dos edifícios, as artes decorativas, o confronto entre os mitos nacionais e os exemplos modernistas e cosmopolitas. O cinema tem o seu lugar, desde

logo nas muitas críticas de Mário Cesariny, José-Augusto França ou João Bénard da Costa já indexadas, a música popular está presente nos quase 300 artigos de Fernando Lopes-Graça coligidos, a mecânica atravessa artigos de Gago Coutinho, Ruy Luiz Gomes ou Abel Salazar, enquanto as artes decorativas são profusamente tratadas nas revistas *A Construção Moderna* e *Artes do Metal*. O que não podemos confundir é a dimensão intelectual, de fundo conceptual, das revistas que elegemos com outros títulos, muito mais numerosos, de natureza difusa e do foro das mentalidades.

Mantém um registo das visitas ao portal?

Claro. Felizmente, uma das vantagens das humanidades digitais é dispormos de ferramentas gratuitas que nos permitem ter a cada momento a avaliação em dia.

Tenho aqui os números: entre 1 de Janeiro e 19 de Março de 2020, foram contabilizados 3607 utilizadores, em 6217 sessões, que consultaram 86.419 páginas, sendo um quarto dos acessos proveniente do estrangeiro. São cifras que nos deixam satisfeitos por revelarem um número crescente de interessados, mas sobretudo por estes usarem intencionalmente os *sites*, como se afere pelo número elevado de páginas que consultam. **Põem a hipótese de alargar o projecto a revistas importantes dos países de expressão portuguesa?**

Contamos vir a dispor de um portal gêmeo com as revistas modernistas brasileiras por ocasião do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, que irá ser comemorado em Fevereiro de 2022. Estamos a celebrar um convénio com uma biblioteca paulista de referência, e a equipa de investigadores locais já está a trabalhar nas bases de dados de sete títulos. Este passo transatlântico, que replica um design comum a muitos dos homens de letras que fizeram as grandes revistas portuguesas e brasileiras, deixa-nos muito satisfeitos.

lmqueiros@publico.pt

jornais e as revistas residiu nos primeiros viverem da notícia e os segundos da leitura e da invenção dos tempos. Os jornais fizeram a política, enquanto as revistas teceram a cultura. O império do audiovisual trocou as voltas aos periódicos impressos porque lhes retirou a primazia na informação. Uma das consequências foi o surgimento e a afirmação dos *news magazines*.

O RIC inclui um sofisticado sistema de pesquisa que permite cruzar uma série de índices, de autores ou assuntos a nomes e obras citados. Construir uma base de dados desta dimensão não implica recursos humanos e financeiros consideráveis?

O Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa tem-nos apoiado continuamente, e as parcerias